

REBES REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE



GVA - GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHAS - POMBAL - PB
REVISÃO DE LITERATURA

Avaliando a avaliação: um pensar a partir dos teóricos

Kelly Cristina Duarte de Macêdo Vieira

Professora da rede pública, diplomada em pedagogia, especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Federal da Paraíba. Email: kellyvieira3@hotmail.com

Kézia Cortez da Silva

Pedagoga e mestre em Educação pela UFPB, atualmente atuando como Coordenadora Estadual do Projeto SESC Ler na Paraíba

Resumo: Trata-se de um estudo, no qual se adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, tendo como objetivo mostrar a importância da avaliação no processo educativo. A avaliação vem sendo estudada desde o início do século XX. Graça ao seu processo evolutivo, a avaliação possibilita a visualização dos resultados relativos aos objetivos traçados para o ensino. Possibilita observar se os alunos já alcançaram um determinado desenvolvimento no processo educativo ou se apresentam algum tipo de dificuldades. Para que realmente a avaliação cumpra o seu papel é preciso repensar a sua prática, para que ela seja possível de desenvolver trabalhos significativos, fazendo com que o ato de avaliar seja visto como compensador do aproveitamento escolar. Não é possível entender a avaliação de forma isolada. Ela reflete uma concepção de educação, de escola e de sociedade, sendo um reflexo desses ambientes. Com o presente trabalho pode-se perceber que o processo avaliativo é dinâmico e pode ser promovido através de diferentes formas. Assim, cabe ao professor escolher aquela que melhor se adapta ao seu processo educativo. Independente da forma escolhida, a avaliação deve ter sempre um caráter continuado, para que o aluno seja avaliado durante todo o ano letivo e por tudo que faz no contexto da sala de aula.

Palavras-chave: *Avaliação Escola. Teoria e Prática. Abordagem Geral.*

Evaluating evaluation: a thought from the theoretical

Abstract: It is a study in which it was adopted as the methodological procedure literature, aiming to show the importance of evaluation in the educational process. The evaluation has been studied since the early twentieth century. Grace your evolutionary process, the assessment allows the visualization of the results for the goals set for education. Enables to observe whether students have reached a certain development in the educational process or present some kind of trouble. For the evaluation actually fulfills its role is necessary to rethink their practice, so that it is possible to develop meaningful work, making the act of evaluation is seen as rewarding school learning. Unable to understand the assessment in isolation. It reflects a conception of education, school and society, being a reflection of these environments. The present work can be seen that the evaluation process is dynamic and can be promoted through different ways. Thus, it is up to the teacher to choose the one that best suits your educational process. Regardless of the method chosen, the assessment should always have a continuous nature, so that the student is assessed throughout the school year and all that is in the context of the classroom.

Keywords: School Evaluation. Theory and Practice. General Approach

INTRODUÇÃO

O tema avaliação tem se configurado gradativamente como uma atividade problemática na educação, à medida que se amplia a contradição entre o discurso e a prática entre os educadores. Além disso, a avaliação da forma como vem sendo praticada nas escolas brasileiras tem se constituído num instrumento legitimador do fracasso escolar.

Muitos professores entendem que devem valorizar as respostas 'erradas' dos alunos, considerando-as pontos de partida para a continuidade da ação educativa. Entretanto, se este princípio é teoricamente defensável e amplamente fundamentado, na prática, representa um grande desafio ao professor que se vê diante de questões que vai muito além das explicações teóricas e exige-lhe uma enorme flexibilidade frente a diferentes contextos.

Os professores que tentam verdadeiramente se aprofundar nessa teoria encontram sérios obstáculos no que se diz respeito a uma literatura acessível e esclarecedora. Diante disto, é necessário demonstrar que quando a avaliação é baseada no modelo de notas, não se constitui em uma prática eficiente para diagnosticar a aprendizagem do aluno e possibilitar as retomadas necessárias, servindo apenas para classificar o aluno, para rotular e para punir.

Os resultados dos registros de avaliação refletem também a imagem da ação desenvolvida pelo professor. Tal reflexo tende a ser falso quando os instrumentos avaliativos utilizados não permitem uma representação clara, nítida significativa do que se observou e do trabalho realizado junto ao alunado.

Questões relevantes com estas foi o que motivou a escolha do tema para o presente trabalho, que tem por objetivo mostrar a importância da avaliação no processo educativo.

Revisão de Literatura **Breve histórico sobre avaliação**

A palavra 'avaliar' vem do latim *a-valere*, que significa atribuir valor e mérito ao objeto em estudo. Logo, avaliar consiste em atribuir um juízo de valor sobre a propriedade de um processo para a aferição da qualidade do seu resultado (BENVENUTTI, 2002).

O conceito de avaliação, segundo Luckesi (2002, p. 28), "é formulado a partir das determinações de condutas de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa ato ou curso de ação; que por si, implica em um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliativa".

No processo ensino-aprendizagem, o entendimento que se tem da avaliação encontra-se pautado pela lógica da mensuração, de forma que o ato de avaliar está associado o ato de 'medir' os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

De acordo com Souza (1994, p. 15):

As primeiras discussões sistemáticas sobre avaliação educacional chegaram até nós via psicologia da educação, em sua vertente dedicada a psicometria, numa época em que os primeiros laboratórios de psicologia experimental, criados na Alemanha, a própria psicologia começava a ganhar condições de ciência.

A avaliação vem sendo estudada desde o início do século XX. No entanto, existem registros datados de 1897, relativos a uma pesquisa avaliativa desenvolvida por J. M. Rice, visando estabelecer a relação entre o tempo de treinamento e o rendimento em ortografia, revelando, que uma grande ênfase em exercícios não levava, necessariamente, a um melhor rendimento.

Graça ao seu processo evolutivo, a avaliação possibilita a visualização dos resultados relativos aos objetivos traçados para o ensino. Possibilita observar se os alunos já alcançaram um determinado desenvolvimento no processo educativo ou se apresentam algum tipo de dificuldades.

Nesse sentido, Hoffmann (1993, p. 43) destaca que:

A avaliação proporciona também o apoio a um processo a decorrer, contribuindo para a obtenção de produtos ou resultados de aprendizagem. O ato de avaliar é um poderoso mecanismo e que, se não for pensado, como um processo de contribuição para o crescimento, tanto do aluno quanto do professor, pode trazer consequências irreparáveis durante a formação do cidadão.

Nesse sentido, percebe-se que a avaliação fornece informações importantes ao professor, possibilitando ao mesmo traçar estratégias que possam ajudar os alunos a resolverem as dificuldades apresentadas no processo de aprendizagem.

Entende Souza (1994), que para se pensar o ato avaliativo é preciso, antes de qualquer coisa, que o professor tenha a consciência da tamanha responsabilidade a que se propõe.

É preciso que haja um esforço coletivo direcionado a encontrar o melhor caminho para a avaliação educacional, promovendo cada ser humano e reconhecendo o espaço do aluno em seus lentos ou rápidos progressos.

Conceitos de avaliação

A avaliação possui várias definições que podem ser entendidas e utilizadas de acordo com a interpretação de cada um. A partir dessas definições é possível identificar os objetivos e as finalidades da avaliação. Elas também mostram a que se destina o ato avaliativo, no contexto escolar.

Dissertando sobre a importância da avaliação, Hoffmann (2001, p. 10) afirma que:

A avaliação é substancialmente reflexão, capacidade única e exclusiva do ser humano, de pensar sobre seus atos, de analisá-los julgá-los, interagindo com o mundo e com os outros seres, influenciando e sofrendo influências pelo seu pensar e agir. Não há tomada de consciência que não influencie a ação. Uma avaliação reflexiva auxilia a transformação da realidade avaliativa.

Em momento algum o ato avaliativo deve resumir apenas às provas, aos testes e aos comportamentos em sala de aula. Ele possibilita o repensar dos atos e das ações, objetivando a melhoria do ser humano. Por essa razão, nele devem-se considerar também os elementos qualitativos e não somente os quantitativos obtidos em provas e/ou exames.

É indispensável que a avaliação da aprendizagem seja realizada considerando todos os níveis de entendimento da atividade humana, da ação prática dos homens, o que, por sua vez pressupõe analisar a razão e a finalidade dessa ação. As ações humanas não são atos isolados, são conjuntos das relações sociais, impulsionados por motivos específicos e orientados para uma finalidade consciente.

Na opinião de Lüdke e Mediano (1994, p. 13):

A avaliação representa um dos pontos vitais para o alcance de uma prática pedagógica competente e muito pouco conhecemos acerca desse processo que acontece na escola. A avaliação é uma forma técnica sobre a construção de instrumentos válidos e fidedignos, deixando à margem outras dimensões importantes.

A avaliação deve ser pensada como meio de verificar se o aluno alcançou ou não algum desenvolvimento no processo educativo. É oportuno lembrar que ela pode expressar a qualidade do ensino com muito mais fidelidade se condicionada dentro dos próprios limites, se estiver alinhada ao plano de trabalho da escola, definido por seu Projeto Político Pedagógico.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p. 83), a avaliação é compreendida como um:

[...] elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino, conjunto de ações cujo objetivo é o ajustar e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma; conjunto de ações que busca obter informações sobre o que foi aprendido e como elemento da reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa; instrumento que possibilita ao aluno tomar consciência de seus avanços, dificuldade e possibilidades; ação que ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não apenas em momentos específicos caracterizados como fechamento de grandes etapas de trabalho.

Desta forma, verifica-se que a concepção de avaliação contida nos PCN, demonstra que a mesma é uma forma de percepção quanto ao andamento do processo de ensino e da aprendizagem, sendo também um instrumento que possibilita analisar as falhas, que registradas durante esses processos.

No entanto, para que realmente a avaliação cumpra o seu papel é preciso repensar a sua prática, para que ela seja possível de desenvolver trabalhos significativos, fazendo com que o ato de avaliar seja visto como compensador do aproveitamento escolar. Não é possível entender a avaliação de forma isolada. Ela reflete uma concepção de educação, de escola e de sociedade, sendo um reflexo desses ambientes.

Segundo Souza (1994, p. 106):

A avaliação da avaliação, pelos agentes que atuam na escola, pode conduzir a uma análise e a um redirecionamento do modo de funcionar da escola, levando a uma posição compromissada com os alunos que a frequentam. Dessa maneira, parece-nos que o avanço inicial deve ocorrer na direção de que seja aclarado, pelos escolares, o real sentido, que vem assumindo a avaliação da aprendizagem, no processo escolar, aprofundando-se a discussão dos princípios e

fins do processo avaliativo e, a partir daí, do próprio projeto pedagógico que é vivenciado pela escola.

Precisa-se estar atento à eficácia da avaliação e como ela deve ser realizada; há que se perceber os educandos como pessoas constituídas de distintas histórias de vida, representando locais e espaços de aprendizagem diferentes, bem como que cada aluno necessita encontrar-se como autor e se apropriar de seu lugar como sujeito na situação de aprendizagem que está ocorrendo. Tal aspecto tende a contribuir para melhoria da qualidade do ensino em todas as suas dimensões, no entanto, constitui um desafio constante para todos que vêm se preocupando com esta busca e o que se tem verificado é que ela tem se limitado apenas a mudanças de métodos, técnicas e sequências curriculares.

Na concepção de Rabello (2003, p. 69):

[...] basicamente podemos representar as diversas definições sobre avaliação em um continuum, no qual de um lado situa-se o juízo, o julgamento de valores, e do outro, a tomada de decisões. Quanto ao juízo, refere-se à emissão de Opinião sobre alguém ou alguma coisa, segundo alguns critérios. Quanto à tomada de decisões, refere-se ao examinar o que ocorre em uma determinada ação durante a sua execução. Ouve-se muito dizer que avaliar significa examinar o grau de adequação entre um conjunto de informação e um conjunto de critérios adequados ao objetivo fixado, com o fim de tomar uma decisão.

A avaliação, enquanto uma atividade teórica e prática não tem um paradigma amplamente aceito, existe, pois, uma grande variedade de modelos e, entre eles, o anseio de uma melhor maneira de avaliar.

Funções de avaliação

A avaliação possui três funções: diagnóstica, formativa e somativa. De acordo com Miras e Solé (1996), a função diagnóstica da avaliação é a que proporciona informações acerca das capacidades do aluno antes de iniciar um processo de ensino/aprendizagem.

A avaliação formativa, segundo Haydt (2002), permite constatar se os alunos estão, de fato, atingindo os objetivos pretendidos. Ela representa o principal meio através do qual o estudante pode conhecer seus erros e acertos, proporcionando assim, maior estímulo para um estudo sistemático dos conteúdos.

No que se refere à função somativa da avaliação, afirmam Miras e Solé (1996) que a mesma tem como objetivo determinar o grau de domínio em uma área de aprendizagem, permitindo outorgar uma qualificação que, por sua vez pode ser utilizado como um sinal de credibilidade da aprendizagem realizada. Pode ser chamada também de função creditativa. Também tem o propósito de classificar os alunos ao final de um período de aprendizagem de acordo com os níveis de aproveitamento.

Ainda segundo Rabelo (2003, p. 72):

A avaliação somativa normalmente é uma avaliação pontual, já que, habitualmente, acontece no final de uma unidade de ensino de um curso, um ciclo ou um bimestre, etc., sempre tratando de determinar o grau de domínio de alguns objetivos previamente estabelecidos. Propõe fazer um balanço somatório de uma ou várias sequências de um trabalho de formação. Às vezes pode ser realizada em um processo cumulativo, quando um balanço final leva em consideração vários balanços parciais. Faz um inventário com o objetivo social de pôr à prova, de verificar. Portanto, além de informar, situa e classifica. Sua principal função é dar certificado, titular.

Toda e qualquer avaliação pressupõe objetivos e critérios. Na escola, o aluno é o único sujeito avaliado. No entanto, para que haja um bom processo de ensino e aprendizagem, deve-se avaliar também outras questões tais como os seus objetivos, os conteúdos, as propostas de intervenções didáticas com seus materiais e recursos utilizados.

Objetivos da avaliação

A avaliação pode ser entendida como uma técnica para adquirir e processar as evidências necessárias para melhorar o ensino e a aprendizagem. Ela é ainda um auxílio para classificar os objetivos e as metas educacionais, determinando se os alunos estão se desenvolvendo da forma desejada. Assim sendo, a avaliação é um sistema de controle da qualidade, pelo qual pode ser determinada etapa por etapa, do processo ensino/aprendizagem, as mudanças devem ser feitas para garantir o rendimento escolar desejável.

Na opinião de Méndez (2002, p. 19):

A avaliação possui a tarefa de se centrar na [...] forma de como o aluno aprende, sem descuidar da qualidade do que aprende para orientar o docente a ajustar seu fazer didático de maneira que produza desafios que se transformem em aprendizagem para os aprendentes. Ou seja, [...] a maneira como o sujeito aprende, passa a ser, mais importante que aquilo que aprende, porque facilita a aprendizagem e capacita o sujeito para continuar aprendendo permanentemente. Conscientes do modo como o sujeito aprende (o professor e a professora) descobrem a forma de ajudá-lo.

Quando constante, a avaliação se materializa numa variedade de instrumentos. Por isso, o ato avaliativo possui a necessidade de ser contínuo, para ser capaz de garantir uma relação lógica entre os diversos instrumentos nele utilizados. É no aluno onde se encontra o verdadeiro valor da avaliação, mostrando os seus avanços e dificuldades. Em resumo, além de ajudar o aluno a aprender, ela também auxiliar o professor a ensinar, mostrando se os objetivos traçados foram alcançados.

A avaliação como instrumento da construção da aprendizagem do aluno

A avaliação não é um fim em si mesma. Ela é parte de uma ação mais ampla a que se chama processo de ensino aprendizagem. O compromisso principal dessa abordagem é fazer com que as pessoas envolvidas se percebam como seres históricos, produtos e produtores da realidade onde atuam e que, por isso, podem gerir as suas próprias alternativas de ação.

Assim, pode-se perceber a profundidade como deveria ser tratada a questão da avaliação pelas escolas e pelos mestres e até mais pelas famílias.

Segundo Silva (2002), é nesse palco que se intensifica a discussão acerca da avaliação do ensino e da aprendizagem. Discussão esta que se insere no debate mais amplo da crise do paradigma educacional centrado no ensino, no qual a escola apenas se responsabilize por ensinar de forma linear e uniforme, ficando à sorte os alunos aprenderem.

Este paradigma precisa ser substituído pelo paradigma das aprendizagens significativas. No contexto atual, se desenvolve um movimento de ressignificação do processo de ensino e de aprendizagens, que considera que os estudantes possuem a potencialidade de aprender e o que os diferencia são seus recursos de aprendizagens, que são condicionados por suas histórias de vida e pela diversidade sociocultural das escolas.

Segundo esse raciocínio Vasconcellos (1994, p. 45) afirma que:

O conhecimento não tem sentido em si mesmo: deve ajudar a compreender o mundo, e a nele intervir. Assim sendo, compreendemos que a principal finalidade de avaliação no processo escolar é ajudar a garantir a construção do conhecimento, a aprendizagem por parte dos alunos.

A necessidade de avaliar sempre se fará presente, não importando a norma ou o padrão pela qual se baseia o modelo educacional. Não há como fugir da necessidade de avaliação de conhecimentos, muito embora possa, com efeito, torná-la eficaz naquilo que se propõe a melhoria de todo o processo educativo.

De acordo com Freire (2000, p. 52):

O desenvolvimento de uma consciência crítica, que permite ao homem transformar a realidade, é cada vez mais urgente. Na medida em que homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão também fazendo história, por sua própria atividade criadora.

A avaliação deve ser melhorada, mas dentro do conjunto das práticas educativas do qual ela faz parte. Sem isto não tem sentido trabalhar a avaliação. O processo de ensino-aprendizagem ocorre na sala de aula, por isso, reavaliar os conceitos, concepções e valores trazem para o mundo real uma visão multidimensional do aluno como ser humano. É preciso uma série de atributo, entre os quais se destacam a sabedoria, a coragem, a

determinação, a prudência e a serenidade, para se atuar na escola de hoje, que é dinâmica e transformadora.

As dimensões do processo avaliativo

Em seu contexto, a avaliação da aprendizagem é sempre vista como uma questão política-pedagógica, que contempla as concepções filosóficas de homem, de educação e de sociedade, implicando numa reflexão crítica e contínua da prática pedagógica da escola e sua função social.

Nesse sentido, observa Rabello (2003, p. 42), que:

A avaliação, portanto, acaba desempenhando, na prática, um papel mais político que pedagógico, ou seja, não é usada não como recurso metodológico de reorientação do processo de ensino-aprendizagem, mas sim como instrumento de poder, de controle, tanto por parte do sistema social, como pela escola, pelo professor, quanto pelos próprios pais.

Para a elaboração de uma proposta de organização pedagógica necessita de referenciais que sejam claros no processo avaliativo. Pois, a avaliação não pode ser limitada à verificação da aprendizagem de conteúdos ou atividades.

A avaliação é uma das estratégias de ensino necessárias para garantir a construção de conhecimentos. No entanto, para que isto aconteça, segundo Boggino (2009), é necessário que os docentes possam:

- a) Não (con)fundir avaliação e classificação;
- b) Não reduzir a avaliação a questões meramente técnicas;
- c) Pensar a problemática da avaliação a partir do paradigma da complexidade;
- d) Compreender as razões e conhecimentos que estão na base das produções dos alunos;
- e) Avaliar resultados, parciais e finais, e os processos de aprendizagem dos alunos;
- f) Avaliar a partir de critérios e indicadores que permitam dar coerência às intervenções;
- g) Implementar estratégias didáticas que pretendam alcançar aprendizagens globalizadas, contextualizadas e significativas;
- h) Organizar o conhecimento como se fosse uma rede ou teia com múltiplas intersecções;
- i) Considerar a avaliação como uma estratégia para uma aprendizagem altamente significativa, de forma a possibilitar a continuidade do processo de aprendizagem para além da área, ciclo ou nível de ensino;
- j) Facilitar a compreensão e romper com a mecanização, que pode bloquear ou dificultar o processo de conhecimento.

Em momento algum do processo educativo a avaliação deve ser tão somente usada como um instrumento para aferir notas às provas, embora faça parte desse processo. A avaliação deve ir muito mais além desse simples ato. Ela deve contemplar uma concepção mais ampla, uma vez que envolve formação de juízos e apreciação de aspectos qualitativos.

Na concepção de Rabello (2003, p. 69), “a avaliação, enquanto uma atividade teórica e prática, não tem um paradigma amplamente aceito. Existe, isto sim, uma grande variedade de modelos e, entre eles, a respeito de uma melhor maneira de avaliar, pouco se concorda”.

Assim, com base no entendido acima, o ato a avaliativo da aprendizagem deve levar em conta os objetivos propostos no planejamento do professor. Tal processo avaliativo deve ser feito continuamente, através de trabalhos (individuais e em grupos) e provas (subjetivas ou objetivas), bem como através de outros procedimentos pedagógicos. No entanto, independentemente do instrumento utilizado, os aspectos qualitativos devem sempre prevalecer sobre os quantitativos.

Vasconcelos (2000, p. 121), diz que:

Com normas legais do processo avaliativo que orientem toda a prática pedagógica, através de uma concepção democrática, a escola deve se valer tanto do processo de avaliação quanto do compromisso de todos os envolvidos, dando ao educando oportunidade que deve ser exercida através do direito de avaliar e ser avaliado, participar do processo, ser ouvido, com direito à informação, negociação e sigilo. Ademais, cabe à escola oferecer condições para que o aluno analise o seu contexto e possa produzir cultura. Isso significa reconhecê-lo como sujeito do seu contexto sócio-histórico.

A avaliação deve proporcionar ao professor uma reflexão contínua de sua prática pedagógica, contribuindo assim, para a construção de um planejamento que atenda as reais necessidades dos alunos. E, no que se refere ao aluno, esta deve ser um instrumento de tomada de consciência de suas conquistas e dificuldades.

Dissertando sobre a qualidade formal e política da avaliação, Rabello (2003, p. 75), ressalta que:

Um processo de avaliação deve se preocupar tanto com o aspecto tecno-formal quanto com o político do processo educativo. O objetivo maior deve ser o bom desempenho do aluno. Se ele não aprender com boa qualidade formal e também política, este desempenho é questionável. Um aluno deve aprender o melhor possível a reconstruir conhecimentos em seu sentido formal, como também deve tornar-se cidadão crítico, participativo e responsável politicamente. Senão, para que ir à escola.

Contudo, é importante esclarecer que levar em conta os diferentes aspectos do desenvolvimento dos alunos não significa atribuir notas e conceitos a tudo que se realize nas atividades escolares.

A avaliação exige a observação individual do aluno, bem como uma relação direta com ele a partir de muitas tarefas. Quanto estas particularidades são observadas, é possível interpretar teoricamente os estágios do desenvolvimento do aluno, no campo da aprendizagem, na escola.

Hoffmann (1993) critica aqueles professores que em suas avaliações, exigem a reprodução de respostas decoradas.

Essa forma de avaliação não contribui para a capacidade de reflexão e para a construção do conhecimento por parte dos alunos. Deve-se ressaltar que o papel da prova é apenas o de verificar o quanto da matéria foi aprendido.

Acrescenta ainda Hoffmann (1993), que é importante que o professor respeite o saber espontâneo elaborado pelo aluno e promova ações desencadeadoras de reflexão, desafiando-o a evoluir e a encontrar novas e diferentes soluções às tarefas sucessivamente apresentadas.

Partindo desse entendimento, no contexto escolar, é de suma importância a diversificação de tarefas e métodos de avaliação. E, quando da aplicação de uma atividade, deve-se garantir a ela a espontaneidade em realizá-la. Em síntese, a prática de avaliação deve ser um ato dinâmico, no qual professor e o aluno assumam seus papéis, de modo co-participativo, através da implementação do diálogo, comprometendo-se com a construção do conhecimento e a formação de um profissional competente.

O processo avaliativo e suas dificuldades

Muitos autores já abordaram as dificuldades do processo avaliativo. Contudo, grande parte desses autores ignora a inadequação da estrutura do sistema de ensino público, no que diz respeito às condições de trabalho e tempo disponível oferecidos aos docentes para realizar uma avaliação, que acompanhe, passo a passo, o crescimento do alunado a partir do diagnóstico da aprendizagem.

Na concepção de Vasconcelos (1994, p. 30):

O caráter político da avaliação se traduz concretamente na possibilidade de reprovação do aluno. A avaliação não seria este 'bicho de sete cabeças', se não houvesse o respaldo legal para a reprovação do aluno por parte do professor. Objetivamente, no sistema educacional, a avaliação é hoje o instrumento de controle oficial, o 'selo' do sistema, o respaldo legal para a reprovação/aprovação, para o certificado, para o diploma, para a matrícula, etc.

Ao avaliar seus alunos, o professor pode detectar problemas de aprendizagem e solucioná-los ou, simplesmente, testá-los sobre o conhecimento, que procura transmitir em suas aulas para classificá-los como alunos com bom ou mau aproveitamento. Essas duas questões distinguem a avaliação diagnóstica da classificatória.

Afirma ainda Vasconcelos (2000, p. 81) que:

Se buscamos uma escola que não seja uma preparação para a vida, mas que seja ela mesma uma rica experiência de vida, se buscamos uma escola que não seja reprodutora dos modelos sociais discriminatórios, mas promotora do

desenvolvimento integral de todos os alunos, temos de repensar a avaliação.

Para muitos professores, 'avaliar' significa aplicar provas para as quais são estabelecidas um certo número de questões de um determinado conteúdo, que os alunos deveriam ter assimilado, a fim de obter um desempenho de acordo com parâmetros, consciente ou inconscientemente, rígidos, determinados pelos docentes. Ou, ainda, solicitar trabalhos e pesquisas, para melhorar a 'nota', que, quase sempre, se resumem a cópias de livros ou enciclopédias a ser entregues em data fixada, sobre os quais, às vezes, sequer se tecem comentários pertinentes.

Explica Perrenoud (1999, p. 43) que:

Quando a avaliação é contínua, feita ao longo de todo o ano pelos professores, ela se dilui no fluxo do trabalho cotidiano em aula. Ela não escapa, portanto, ao cálculo intuitivo dos custos e dos benefícios que está no princípio de qualquer investimento dos alunos na escola.

Utilizando-se do processo de avaliação contínua o professor pode melhor diagnosticar o nível de aprendizado do aluno. Pois, nesse processo não somente a prova escrita é levada em consideração. Nele o professor pode também levar em consideração os aspectos relacionamentos ao aluno, que digam respeito ao seu desempenho, frente ao processo educativo.

Dissertando sobre a avaliação contínua Vasconcelos (1994, p. 58) afirma que:

A avaliação deve ser contínua para que possa cumprir sua função de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem. A avaliação que importa é aquela que é feita no processo, quando o professor pode estar acompanhando a construção do conhecimento pelo educando: avaliar na hora que precisa ser avaliado, para ajudar o aluno a construir o seu conhecimento, verificando os vários estágios do desenvolvimento dos alunos e não julgando-os apenas num determinado momento. Avaliar o processo e não apenas o produto, ou melhor, avaliar o produto no processo.

A grande maioria dos professores desconsidera a avaliação contínua e limita-se a prova, que constitui o ponto central das avaliações na escola pública. Por relacionar justamente os alunos com base no bom ou mau aproveitamento, é que as provas recebem o nome de classificatórias. Isto porque avaliam os alunos de acordo com seu desempenho, num determinado momento, em comparação com os resultados do conjunto da classe.

Para Rabello (2003, p. 21):

Uma avaliação só é produtivamente possível se realizada como um dos elementos de um processo de ensino e de aprendizagem, que estejam claramente definidos por um projeto pedagógico. Somente ao refletir e organizar a ação pedagógica como um todo é possível refletir sobre cada um deles.

No entanto, quaisquer formas de avaliações, sejam provas, trabalhos em grupo, pesquisas, participação do aluno nas atividades rotineiras de sala de aula, ao serem avaliadas, deverão, sempre, constituir-se em novo momento de descoberta e possibilidade de novas aprendizagens, ou seja, algo dinâmico e não estático.

Segundo Luckesi (2002, p. 37):

A avaliação educacional escolar assumida como classificatória torna-se, desse modo, um instrumento autoritário e frenador do desenvolvimento de todos os que passaram pelo ritual escolar, possibilitando a uns o acesso e aprofundamento no saber, a outros a estagnação ou a evasão dos meios do saber. Mantém-se, assim a distribuição social.

A avaliação é um ato preventivo. Logo, para que possa ser melhor colocada em prática, é necessário que o professor conheça o nível de desempenho do aluno em cada etapa do processo educativo, compare essa informação com as competências e habilidades relevantes a serem desenvolvidas, em relação aos conteúdos trabalhados. E, ao final, tome as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados, pois seja a avaliação diagnóstica, formativa, emancipatória ou somativa, ela deverá necessariamente contribuir para o desenvolvimento do educando, não se limitando apenas como instrumento para formalizar e legitimar uma nota classificatória.

De acordo com Vasconcelos (1994, p. 26):

Todos nós sabemos a dificuldade que a avaliação escolar apresenta e as consequências drásticas que pode trazer para a educação: de um modo geral podemos dizer que praticamente houve uma inversão na sua lógica, ou seja, a avaliação que deveria ser um acompanhamento do processo educacional, acabou tornando-se o objetivo deste processo, na prática dos alunos e da escola; é o famoso 'estudar para passar'.

No contexto escolar, as dificuldades cognitivas enfrentadas pelos alunos são consideradas altamente educativas. E, sua análise é fundamental para que os professores possam perceber como os alunos estão construindo e elaborando seus conhecimentos.

Afirma Luckesi (2002, p. 85) que:

A avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu consequente projeto de ensino. A avaliação, tanto no geral quanto no caso específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si; ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido.

Diante do processo avaliativo, o que vale mesmo é o crescimento do aluno em relação as suas próprias expectativas e aos objetivos que são propostos pelo educador. Logo, avaliar somente pelas respostas de uma

prova inclui uma grande distorção no processo de aprendizagem. Pois, avaliar não é tarefa simples. Entretanto, pode ser um ato de coragem, responsável e amoroso.

Para Rabello (2003, p. 34), a escola deve "encontrar um caminho no qual a nota deixe de existir, pelo menos enquanto concepção única de quantidade desprovida de qualidade". E, que "é preciso repensar essa nota que se tornou uma moeda no sistema escolar".

Ao avaliar, o professor deve considera como referencial, uma proposta curricular, que incorpore uma concepção de aprendizagem centrada no desenvolvimento de competências e habilidades nas diversas áreas do conhecimento. Objetivando, assim, garantir o sucesso do aluno na construção e elaboração do saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo avaliativo é dinâmico e pode ser promovido através de diferentes formas. Assim, cabe ao professor escolher aquela que melhor se adapta ao seu processo educativo. Independente da forma escolhida, a avaliação deve ter sempre um caráter continuado, para que o aluno seja avaliado durante todo o ano letivo e por tudo que faz no contexto da sala de aula.

Antes de por em prática um método avaliativo, o professor deve conhecê-lo, saber de sua eficácia e se ele não trará prejuízos aos alunos. Assim, de posse desse conhecimento, ele deve elaborar os critérios que acham necessário para a correção das avaliações ou das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Vista como algo estritamente ligado à natureza do conhecimento, a avaliação como prática escolar, não é uma atividade neutra ou meramente técnica. Ela é dimensionada por um modelo teórico de mundo, de ciência e de educação, traduzida em prática pedagógica.

Diante dessas considerações para que a avaliação possa realmente cumprir o seu papel, é preciso fortalecer o caráter diagnóstico e formativo que ela possui uma vez que a mesma vem sendo praticada enfaticamente como um caráter classificatório, adotando assim, uma ideia de punição ou de nivelamento dos alunos.

REFERÊNCIAS

BEVENUTTI, D. B. Avaliação, sua história e seus paradigmas educativos. **Revista Pedagogia Brasileira**. São Miguel do Oeste-SC, Ano 1, n. 1, p. 47-51, jan., 2002.

Boggino, Norberto. A avaliação como estratégia de ensino. Avaliar processos e resultados. **Sísifo - Revista de Ciências da Educação**, v. 9, p. 79-86, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

- HAYDT, R. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** Ao Paulo: Ática, 2002.
- HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação mediadora: uma pratica em construção da pré-escola à universidade.** 7. ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.
- _____. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2001.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- LÜDKE, M.; MEDIANO, Z. **Avaliação na escola do 1º grau: uma análise sociológica.** 3. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- MÉNDEZ, A. J. M. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir.** Porto Alegre : Artmed, 2002.
- MIRAS, M.; SOLÉ, I. A evolução da aprendizagem e a evolução do processo do ensino e aprendizagem. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- RABELLO. Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas praticas.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- SILVA, Janssen Felipe da. Avaliar... - O quê? Quem? Como? Quando? **TV Escola, n. 29, p. 40-43, out.-nov./2002.**
- SOUZA, Clarilza Prado de. **Avaliação do rendimento escolar.** 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: Concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar.** São Paulo: Libertad, 1994.
- _____. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 11 ed. são Paulo: Artmed, 2000.